



GEOGRAFIA E RELIGIÃO: O DESENVOLVIMENTO DAS EPISTEMOLOGIAS PARA ESTUDOS DO ESPAÇO SAGRADO

Geography and religion: the development of epistemologies for sacred space studies

Alesca Prado de Oliveira¹

Recebido em: novembro de 2017

Aceito e publicado em: dezembro de 2017

Resumo: Este trabalho diz respeito às três grandes epistemologias utilizadas no conjunto das ciências humanas e sociais: positivismo, materialismo histórico dialético e fenomenologia. Foi então analisada por meio de pesquisa bibliográfica a trajetória destas correntes de maneira a compreender o desenvolvimento e sua aplicação em estudos geográficos sobre religião. É a partir da compreensão do objetivo de cada corrente que podemos perceber sua aplicabilidade na ciência geográfica e assim a construção dos estudos que desvelam os espaços sagrados.

Palavras-Chave: espaço sagrado; religião; contemporaneidade.

Abstract: *This work concerns the three great epistemologies used in the whole of the human and social sciences: positivism, dialectical materialism and phenomenology. It was then analyzed through bibliographic research the trajectory of these currents in order to understand the development and its application in geographical studies on religion. It is from the understanding of the purpose of each current that we can perceive its applicability in geographic science and thus the construction of studies that understand the sacred space.*

Key-words: *sacred space; religion; contemporaneity.*

INTRODUÇÃO

A geografia surge com o objetivo de descrever a terra e com isso demonstrar as diversidades que nela existem. Nesse contexto o que se buscou ao longo da história desta ciência foi compreender o que perpassa nas localidades e as dinâmicas humanas que estão inseridas no ambiente. A busca se desempenhou pelo processo de construção e aprimoramento de métodos, que se adaptaram de acordo com o objetivo do que era proposto em cada momento.

O presente artigo tem o objetivo de discorrer sobre as epistemologias da ciência geográfica e a partir desta discussão compreender as correntes que abriram campo para os estudos acerca da religião, trazendo luz aos interesses e a compreensão do desenvolvimento da ciência geográfica. Foi a partir de pesquisa bibliográfica que se pôde se construir a interpretação basilar para a temática.

As ciências se caracterizam por utilizarem de métodos, que são o instrumento de trabalho para a construção dos saberes. Para que se dê uma investigação no intuito de desvelar questões da realidade é necessário que se estabeleçam problemas e assim prossegue-se com o conjunto de processos que findam no método, dessa maneira o método auxilia na tomada de decisões, caminhos e na detecção de falhas (BOTH E SIQUEIRA, 2004; MARCONI E LAKATOS, 2007).

O pesquisador utiliza do método para planejar a pesquisa, formular suas hipóteses, coordenar os processos e interpretar os resultados. O avanço do tempo concebe o surgimento de novos métodos, que são variáveis de acordo com o objeto pesquisado e mudam conforme a eficácia encontrada nos processos, utilizam da observação, síntese, descrição, análise e comparação que são em geral comuns aos diferentes tipos de pesquisa. O que difere método e técnica é o seu caráter estratégico, onde formula o que será posteriormente aplicado pela técnica (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007; FACHIN, 2006).

Positivismo: a construção do conhecimento científico

O positivismo para a compreensão das ciências sociais se faz como método epistemológico, que doutrina a neutralidade axiológica do saber. Assim sendo, é posto um sistema ordenado e coerente que funciona como preceito para sua configuração, nesta ordem existe a compreensão das leis naturais, que se sobrepõe as ações humanas e então se concebe os processos sociais pelas mesmas interpretações da natureza, o que foi chamado de “naturalismo positivista”, o positivismo emprega a ideia de que se deve compreender as relações sociais pela mesma lente que se compreende a natureza, de forma limitada a observação e explicação causal dos fenômenos, objetivamente e com a neutralidade como premissa, livre de valorações e ideologias. O positivismo é uma visão determinista que busca a apreensão dos fenômenos sem a reflexão das causas (LÖWY, 1987; RIBEIRO JÚNIOR, 2008).

Para os positivistas, o homem que tenha bom senso, seguirá o caminho ensinado pela experiência, o que é tirado da vida comum, e se negará a triar caminhos baseados em especulações e elucubrações de um indivíduo por si, mesmo que sejam ideias extraordinárias. Embasando-se na neutralidade da ciência o positivismo não se preocupa com as consequências

de suas descobertas, prega uma intenção clara de conhecer os fatos de modo desinteressado, compreende que seu papel é exprimir a realidade (DOMINGUES, 2004; TRIVIÑOS, 2008).

O positivismo resultou da corrente filosófica iluminista, e se moldou em uma vertente crítica a burguesia absolutista, Löwy (1987) aponta as contribuições que Condorcet fez na construção da gênese positivista, onde buscou aproximar a ciência da sociedade às leis matemáticas e da física, para o Enciclopedista, que foi colocado posteriormente com utópico, o positivismo se colocaria imune enquanto os interesses das classes poderosas, e assim, emanciparia esse conhecimento das doutrinas religiosas, dos argumentos de autoridade e preceitos impostos pelo clero. Seguindo o caminho triado por Galileu, Condorcet introduz a ciência da sociedade no plano das demais que se livraram de superstições e paixões, na mesma direção, Saint Simon introduz o termo de ciência positiva para dar continuidade à ideia de Condorcet, introduzindo por sua vez a ciência política sob a ótica do positivismo.

Auguste Comte é considerado o pai do positivismo, sua contribuição é no sentido de transformar a visão positivista em ideologia, em um sistema conceitual. O conceito positivismo foi cunhado por Comte e explicitou a necessidade de que toda concepção sobre um estado seja confirmado por experiências. Na perspectiva positivista de Comte a ciência é nada mais que a sistematização do bom senso, que coloca os pesquisadores como espectadores das situações externas sem a capacidade de mudá-las. Ainda nesse sentido, há a ideia de que a experiência se dá como partida e chegada do conhecimento, por via de consequência, e que por ela há de se oferecer meios para a validação, retificação e ampliação do conhecimento (DOMINGUES, 2004; RIBEIRO JÚNIOR, 2008).

Descendente de Condorcet e Simon, Comte por sua vez entende por física social a ciência que estuda os fenômenos sociais, a física social introduzida por ele perpassa a ideia de uma realidade homogênea e fixa, e concebe uma valoração comum para as ciências sociais e naturais. A física social ainda trazia consigo a premissa de ser neutra e livre de julgamentos axiológicos (LÖWY, 1987).

A metodologia Comtiana contribuiu de maneira substancial na construção dos pilares da ciência universitária moderna. Apesar da invenção do termo Sociologia ser de Comte, Durkheim foi quem fundou a sociologia positivista como disciplina, havendo claramente uma continuidade entre os dois autores. Durkheim compreende a ciência social por uma lei social natural, e desenvolve a analogia organicista entre a sociedade e o corpo humano e a partir disso tenta naturalizar a questão das desigualdades sociais quando as compara com a situação privilegiada de certos órgãos, absolutamente consciente do caráter contra revolucionário de seu método. Durkheim traz ainda em seus argumentos que a sociologia não deve ser nem individualista, nem

socialista e nem comunista, abandonando as ideologias e preconceitos, compreendendo que esses podiam ser afastados de modos a identificar melhor o que se passara em volta (LÖWY, 1987; RIBEIRO JÚNIOR, 2008).

Existem três forças na primazia das ciências que ordenam o programa positivista, entendendo que este programa concebe as ciências humanas como extensão das naturais e foi motivado pelo projeto de unificação dessas ciências, nesse sentido Domingues (2004) pontua:

No plano das ciências, três são as ideias-força que vão comandar o programa positivista: 1) procurar acercar-se dos fenômenos tais como eles se oferecem à observação e a experiência e tomá-los tais quais, como fatos ou dados da experiência, sem se apoiar em nenhuma ideia preconcebida e sem buscar nenhuma essência escondida por trás deles; 2) procurar estabelecer correlações entre os fenômenos observados, fixar os nexos causais que os envolvem e determinar as leis que os governam; 3) procurar confirmar as correlações, corroborar os nexos causais e comprovar as leis por meio de testes precisos e de experimentos concludentes (DOMINGUES, 2004, p. 172).

O positivismo reconheceu uma grande diferença entre valor e fato, os fatos eram seu objeto de estudo, enquanto os valores eram concebidos como expressões culturais e não eram interessantes para o pesquisador (TRIVIÑOS, 2008). A corrente epistemológica que abriu os caminhos para a construção científica ocorreu em tempos de crença no progresso social e desenvolvimento científico, ao lado das crises econômicas e morais no fim da Idade Média e a consolidação da sociedade industrial. No Brasil o professor Benjamim Constant foi referência para essa corrente.

A ciência geográfica era considerada natural e então voltava o seu foco às paisagens e considerava os grupos humanos como fenômenos superficiais do ambiente. Em meados de 1900 o neopositivismo agrava este olhar com sua posição anti-idealista. O movimento filosófico do Círculo de Viena foi o que aprofundou o conhecimento baseado na experiência das ciências exatas e assim colocou em plano secundário as ações humanas, os valores e a vida (ROSENDAHL, 2002).

A principal contribuição desta corrente epistemológica se deu na pesquisa e na valorização do empírico no que tange a investigação de vários aspectos da realidade. Embora a premissa do positivismo seja se abster de preconceitos e interferências externas, basta observar a posição de seus autores para compreender que estes não estão livres de pré noções, mas perpetuam uma falsa neutralidade ligada a pontos de vista de determinados grupos sociais.

O materialismo, a dialética e o senso crítico

O marxismo por sua vez é conceituado como uma visão de mundo e nesse sentido passa a compreender um programa político que toma o lugar do conjunto doutrinário que obtivera o enfoque. Lefebvre (2009) dividiu as concepções de mundo em três, sendo essas: a concepção cristã, que foi formulada por teólogos e definiu uma hierarquia dos seres, colocando Deus no topo hierárquico, essa concepção foi trabalhada com maior rigor na Idade Média; a concepção individualista que surgiu no fim da Idade Média concebe o indivíduo como essencial a realidade e a ele era inerente a razão, essa teoria de caráter otimista tentou estabelecer uma harmonia natural entre os homens e as funções, concepção essa dotada de uma carga definitivamente burguesa; por último Lefebvre conceitua a concepção marxista do mundo que rejeita a hierarquia metafísica e não se leva pelo individualismo, utiliza das realidades da natureza, do trabalho, da sociedade, da economia e das classes para embasar seu pensamento, a concepção marxista rejeita veementemente a subordinação do indivíduos uns aos outros.

O marxismo surgiu historicamente a partir relação da luta do homem com a natureza, foi formulado compreendendo em si as contradições da sociedade moderna e entende ainda que os interesses podem se contrapor entre individuais e comuns. Quando se fala em contradição remete-se a problemas e soluções, o marxismo por sua vez entendeu a lógica das contradições e a partir disso propôs uma concepção de mundo real onde as coloca em evidência. Seu surgimento se deu de forma concomitante a sociedade moderna, e com isso, acompanhou também o aparecimento das grandes indústrias e a força de trabalho que estas demandavam (LEREBVRE, 2009).

Inicialmente a visão marxista surge como a expressão da vida real e contempla a questão social e prática no seu movimento e contradição. No que tange a política, as proposições são subordinadas a um conhecimento racional, que os emprega como ciência. Entenderemos neste ensaio que o marxismo, analisado as questões sobrepostas, não se limita a obra de Karl Marx, ainda de acordo com Marx a elaboração científica moderna esteve presente antes dele. A ruptura com a compreensão de um mundo harmônico ocorreu na metade do século XVIII e os estudos acerca das questões do trabalho e do relacionamento homem e natureza começaram a surgir, a partir disso desenvolveu-se as temáticas da natureza como uma realidade objetiva, os grupos sociais, as classes e suas lutas no século XIX (LEREBVRE, 2009).

O materialismo histórico foi concebido como instrumento de luta do proletariado, entendendo que além da luta de classes ele possibilitou o despertar de consciência que contribuiu na construção da sociedade e da cultura, não era um fim em si mas um meio que contribuirá na formulação das ações. O materialismo era um método que se utilizava para compreender a

essência dos acontecimentos e além destes buscava a compreensão das forças que os promoviam (LUKÁCS, 2003). Ainda nesse sentido, Triviños (2008) conceitua:

O materialismo histórico é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade. O materialismo histórico significou uma mudança fundamental na interpretação dos fenômenos sociais que, até o nascimento do marxismo, se apoiava em concepções idealistas da sociedade humana (TRIVIÑOS, 2008, p. 51).

Uma das vitórias do materialismo histórico se deu no que tange ao reconhecimento da consciência social, colocando-a em termos materiais que até então eram negados e compreendidos apenas pelo idealismo. Nesse processo a consciência surge como um produto de um desenvolvimento natural objetivo e ao mesmo tempo como uma nova qualidade. Para compreender o conceito do materialismo histórico dialético compreende-se o materialismo como a condição material da realidade, o histórico para a interpretação dos fatores históricos que projetaram a existência humana em questão e dialético para entender o movimento contraditório inerente às realidades (KOFLER, 2010; GOMIDE, 2013).

Analisando o fenômeno da consciência se observa o resultado de um processo de desenvolvimento que segue mediante as contradições e com isso se insere a prática como essência nas conexões do ser. Kofler (2010) pontua que dessa forma só concebe o homem se este estiver dotado de consciência; que nesse entendimento é quando se propõe a um objetivo e busca alcançá-lo, entendendo que esses objetivos derivam do momento e das condições do indivíduo.

Marx rompeu as barreiras entre os movimentos e conseguiu captar essências, mesmo que opostas, e a partir delas formular uma teoria nova, uma teoria original que imergia-se na realidade e não a fragmentava para fazer suas concepções. Essa interpretação diz sobre a proposição de síntese feita pelo marxismo. A busca pela compreensão de uma totalidade, do movimento de relação dos processos e das contradições inseridas no todo produziram um pensamento mais amplo e com isso mais complexo (LEREBVRE, 2009).

O materialismo histórico adveio do pensamento conjunto de Marx e Engels e seu entendimento da importância dos fenômenos econômicos e da necessidade do estudo científico para desvelar tais processos, realizado com métodos e embasados em fatos e objetivos determináveis, desenvolveu-se entre os anos de 1844 e 1845. O materialismo foi base para uma sociologia científica. Marx também foi protagonista na colocação das contradições capitalistas na sua dinâmica, além de ter sido de fundamental importância na descoberta das classes proletárias e das relações políticas (LEREBVRE, 2009).

O marxismo nunca interrompeu-se e se desenvolve até nos dias de hoje com a sua compreensão das relações. A concepção de mundo marxista, concebida na sua amplitude, é conhecida como materialismo dialético que faz a síntese de fenômenos isolados e separados encontrados por Marx, está inserida na teoria das contradições de Hegel, que observou que deveria se conceber a substância também como sujeito e apreender o processo ativo que contém as contradições e a solução destas (LEREBVRE, 2009; (KOFLE, 2010).

No que se refere a esta corrente, materialista-histórico-dialética, sua ênfase se dá nas questões das contradições dos modos de produção capitalista, na luta de classes, os problemas socioeconômicos e as desigualdades. Sua crítica vai fortemente contra os valores burgueses e a expropriação da força de trabalho do proletariado, as relações de poder por essa compreensão de mundo são analisadas voltadas a dinâmica estruturalista.

Quando se trata dos geógrafos que seguiram esta corrente epistemológica encontramos os geógrafos críticos que incidiam suas investigações nas desigualdades socioeconômicas, o desenvolvimento dessa epistemologia na ciência geográfica foi o que resultou na chamada de geografia radical. Milton Santos, David Harvey e outros grandes nomes foram destaque pela forma que se posicionaram em relação às determinações sociais e elaboraram a partir delas teorias para uma transformação social radical (DINIZ, 2003).

O materialismo histórico dialético contribuiu imensuravelmente com o despertar da consciência crítica nas relações sociais e de trabalho, tal corrente se encaixa nas relações do capital com a sociedade desde seu início até os tempos pós modernos, seu caráter crítico foi objeto propulsor para outras muitas teorias que colocam em xeque as desigualdades sociais como produto das relações estabelecidas e separa-se das determinações que eram antes entendidas como anteriores a estas relações.

Fenomenologia: percepções e valores na produção científica

A fenomenologia é uma escola filosófica, tendência dentro do idealismo subjetivo. Edmund Husserl é considerado o mestre da fenomenologia e a compreende como a reflexão de um fenômeno ou como ele se mostra, Husserl apresenta ainda a importância de compreender os sentidos das coisas entendendo isso dentro das possibilidades humanas e dessa forma passa a deixar de lado o que não apresenta o sentido procurado (BELLO, 2006).

A pretensão de Husserl era de tornar a filosofia uma ciência rigorosa e para isso deveria estabelecer categorias puras, para conseguir tal rigor o autor tratou da redução fenomenológica onde o fenômeno se apresentava livre de cargas culturais e pessoais encontrando assim as

essências dos fenômenos. A fenomenologia nesta compreensão se faz de um método, um modo de análise (TRIVIÑOS, 2008).

A ideia básica da fenomenologia é a de intencionalidade, entendendo que é colocada por um indivíduo sobre um objeto, reconhecendo que não existe objeto sem sujeito. Husserl introduz o questionamento de porque se procura sentido as coisas e em seguida de quem é o ser humano que busca esse sentido. A importância do conceito de intencionalidade é primordial e a consciência aliada à vivência são peças chave para esse método (BELLO, 2006; TRIVIÑOS, 2008).

Até certo ponto, a fenomenologia pode ser compreendida como explicação do que está implícito, desde o início, no conceito de intencionalidade da consciência. Essa orienta-se para a subjetividade absoluta que se constitui de maneira transcendental, que Husserl também designa como intersubjetividade transcendental ou vida transcendental. Todo o empenho intencional realiza-se na relação entre intenção vazia e plena. Assim o próprio conceito de intencionalidade é, em sua raiz, teleológico (ZILES, 2007).

Husserl aponta a redução fenomenológica como meio para se extrair o que há entre o “eu”, desta forma é possível abstrair o que influencia a vivência e assim consegue-se retirar a essência do fenômeno, ainda de acordo com o autor, a essência é determinada por sua universalidade e desta forma a fenomenologia estuda o que é universal, o que é válido para todos, “o mundo que eu conheço – diz Husserl – é o mundo que pode ser conhecido por todos” (TRIVIÑOS, 2008). Se o sentido e a valoração que se da ao Ser decorre da intencionalidade, com a redução, o eu se apresenta como condição de possibilidade de analisar o fenômeno, tendo uma carga de subjetividade concreta.

A corrente epistemológica da fenomenologia não se baseia em dados da experiência, seu dever é a pesquisa de possibilidades ideais da vivência. A vivência é constituída pelo ver, tocar e refletir, desse modo Bello (2006) aponta que o uso da consciência é o que registra tais vivências, enquanto se vê, se toca, se faz uma reflexão sobre o ato. É dividida ainda a consciência de primeiro e segundo grau, sendo os atos perceptivos e os atos reflexivos respectivamente.

Nota-se no decorrer da análise dos princípios da fenomenologia que não se coloca como ponto fundamental a historicidade dos fenômenos, uma vez que aliado à redução fenomenológica a história é depurada no sentido de trazer apenas a essência do objeto da pesquisa. Na fenomenologia se estabelece como central a interpretação do ator sob o que é observado, o que se da de maneira intencional à consciência (TRIVIÑOS, 2008).

O contexto em que os fenômenos se apresentam, em sua compreensão cultural, permite que sejam feitos questionamentos através da interpretação e a partir disso se estabeleçam

discussões que busquem significados considerando a intencionalidade do sujeito de acordo com a realidade, desta forma a apreensão da realidade está intimamente ligada a cultura do sujeito (TRIVIÑOS, 2008).

Paul Claval (2014) aponta que foi a partir do evolucionismo que se deu a valoração do homem e da cultura nas investigações geográficas, a geografia humana que concebe a cultura desde suas fases iniciais vai tomando forma de acordo com a localidade que se desenvolve, sendo Alemanha, França e Estados Unidos os países que se destacam no desenvolvimento desta disciplina.

A fenomenologia busca uma compreensão nova entre as ciências. Questiona as ciências positivas que consideram os objetos e desconsideram a posição do observador e por sua vez eleva a condição do sujeito na produção das análises. O debate proposto pela fenomenologia é, sobretudo, conectado ao debate contemporâneo das ciências humanas e sociais sobre ação e estrutura.

Emergida dentro dos últimos 40 anos esta epistemologia se destaca como um modo de pensar que da luz ao homem e suas subjetividades, seus objetivos, valores, intenções e percepções, se posiciona em sentido oposto às compreensões deterministas e organicistas e tem em si a busca das vivências e experiências dos grupos sociais para que a partir delas se realizem reflexões e assim compreendam o homem pelo que ele mesmo produz e elabora sobre o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É a partir do entendimento dos métodos epistemológicos que compreendemos que na geografia embasada pelo positivismo o seu caráter imediato e prático torna estudos sobre religião sem sentido. Gil Filho (2007) apontou uma estagnação de investigações geográficas no campo religioso na época desse matiz filosófico considerando que os autores classificavam as religiões como fenômenos que modificavam as paisagens. O positivismo prega o distanciamento do pesquisador com o objeto pesquisado para assim obter a neutralidade, desta forma pesquisas com a temática religiosa, que voltam seu objetivo para desvelar as relações, os interesses e as subjetividades dificilmente se interpretam pelos pressupostos positivistas.

No que tange a corrente materialista histórico dialética que discorre sob um posicionamento crítico, os estudos sobre religião também não tiveram grande avanço, uma vez que essa visão estruturalista não coloca foco sob os indivíduos, sua preocupação maior era compreender as estruturas sócio-espaciais, analisando as relações a partir do modo de produção. Rosendahl (2002) indicou em seus estudos que essa vertente crítica da geografia não se movimentou a respeito das investigações religiosas pois um dos seus principais conceitos é ateu,

enquanto que no positivismo a existência de um Deus pairava sobre um plano não científico, ainda nas palavras da autora: “para os geógrafos marxistas a religião é uma utopia que mantém as classes populares na ignorância e lhes retira as possibilidades de adquirir consciência política”.

Quando se trata da fenomenologia os estudos que se deram sob essa forma de análise se dividiram em dois grandes grupos, Rosendahl (2002) aponta ainda que as investigações feitas antes de 1970 observavam os efeitos causados pelas religiões sobre a paisagem, entretanto, desconsideravam os afetos e valores agregados a essa dinâmica, já os estudos que surgiram após este ano, mais contemporâneos, buscam compreender as sensações vividas pelos indivíduos. Nesta corrente o que se interpreta é o indivíduo como agente transformador através das suas subjetividades e independente das estruturas estabelecidas.

Contrariando o pêndulo das ciências que hora se voltam para estudos sobre estrutura e hora se debruçam a pesquisar o indivíduo, a fenomenologia por sua vez apresenta-se como uma saída para essa polarização, visto que traz enfoque aos estudos micro e macrosociológicos. Esta corrente abre campo para a compreensão complexa das religiões e relações que a ela perquirem. Perceptível é o desafio de se analisar o mundo pelas lentes dessa corrente e buscar a partir da compreensão dos indivíduos os significados e as interpretações das dinâmicas que se dão no campo religioso.

REFERÊNCIAS

- BELLO, Angela Ales. **Introdução à Fenomenologia**. Bauru: Edusc, 2006. 108 p.
- BOTH, Sergio José; SIQUEIRA, Claudineide Julião de Souza. **Metodologia Científica: Faça Fácil sua Pesquisa**. Tangará da Serra: São Francisco, 2004. 144 p.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007. 162 p.
- CLAVAL, P. Lê Thème de la Religion dans lês Études Géographiques. **Geographie et Cultures**. Paris, n. 2, p. 85- 111, 1992.
- DINIZ FILHO, L. L. A Geografia Crítica Brasileira: Reflexões sobre um Debate Recente. **Geografia (Rio Claro)**, Rio Claro (SP), v. 28, n.3, p. 307-322, 2003.
- DOMINGUES, Ivan. **Epistemologia das Ciências Humanas: TOMO 1: POSITIVISMO E HERMENÊUTICA**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 671 p.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006. 210 p.
- GIL FILHO, S. F. Geografia da Religião: Reconstruções Teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). **Da percepção e Cognição à Representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007.

GOMIDE, D. C. **O materialismo histórico-dialético como enfoque metodológico para a pesquisa sobre políticas educacionais.** Disponível em: <www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/2/artigo_simposio_2_45_dcgomide@gmail.com.pdf> Acessado em 23 jun. 2017

KOFLER, Leo. **História e Dialética:** Estudos sobre a metodologia dialética marxista. Rio de Janeiro: Ufrj, 2010. 235 p.

LEFEBVRE. H. **Marxismo.** Porto Alegre: L&PM, 2009. 128p

LÖWY, Michel. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen.** São Paulo: Busca Vida, 1987.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe:** Estudos sobre a dialética de classe. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 315 p.

RIBEIRO JUNIOR, João. **O QUE É POSITIVISMO.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2008. 78 p.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião:** uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais:** A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008. 175 p.

ZILES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 216-221, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 jul. 2017.

¹ Sanitarista. Mestranda pelo programa de pós-graduação em geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Alescprado_@hotmail.com